

JOSÉ SARAMAGO E A METAFICÇÃO HISTÓRICA

Milla Benicio (Mestre em Teoria Literária - UFRJ)

Este breve trabalho lida com algumas questões teóricas, perpassadas por um fio condutor em comum, que funcionam como uma base para o enfoque posterior no romance “A Caverna”, de José Saramago. Para iniciar esta reflexão, gostaria de propor a leitura de um poema de Ferreira Gullar denominado “Desordem”:

meu assunto por enquanto é a desordem
o que se nega
à fala

o que escapa
ao acurado apuro
do dizer
a borra
a sobra
a escória
a incúria
o não-caber

ou talvez
pior dizendo
o que a linguagem
não disse
por não dizer
porque
por mais que diga
e porque disse
sempre restará
no dito o mudo
o por dizer
já que não é da linguagem
dizer tudo

ou é
se se
entender
que
o que foi dito
é o que é
e por isso
nada há mais por dizer

portanto
o meu assunto

é o não-dito não
o sublime indizível
mas o fortuito
e possível
de ser dito
e não o é
por descuido
ou por intuito
já que
somente a própria coisa
se diz toda
(por ser muda)

é próprio da palavra
não dizer
ou
melhor dizendo
só dizer

a palavra
é o não ser
isto porque
a coisa
(o ser)
repousa
fora de toda
fala
ou ordem sintática

e o dito (a
não-coisa) é só
gramática
o jasmim, por exemplo,
é um sistema
como a aranha
(diferente do poema)
o perfume
é um tipo de desordem
a que o olfato
põe ordem
e sorve
mas o que ele diz
excede à ordem
do falar
por isso
que
só

desordenando
a escrita
talvez se diga
aquela perfunctória
ordem
inaudita

uma pêra
também
funciona
como máquina
viva
enquanto quando
podre
entra ela (o sistema)
em desordem:
instala-se a anarquia
dos ácidos
e a polpa se desfaz
em tumulto
e diz
assim
bem mais do que dizia
ao extravasar
o dizer

dir-se-ia
então
que
para dizer
a desordem
da fruta
teria a fala
— como a pêra —
que se desfazer?
que de certo
modo
apodrecer?

mas a fala
é só rumor
e idéia
não exala
odor
(como a pêra)
pela casa inteira

a fala, meu amor,
não fede
nem cheira

Eu também venho falar do que se nega à fala, ou pelo menos esse é o ponto de partida para a reflexão sobre uma sociedade que busca uma linguagem que diz tudo, que nega os vazios nela existentes.

Para tanto, retornemos ao momento de edificação da ideologia objetivista. Com o nascimento da modernidade, a relação do homem com a técnica muda, e portanto, se transforma também o modo de interação entre o homem e a natureza. Se antes ele se relacionava com a natureza de modo a potencializá-la, a seguir suas próprias sugestões, na modernidade ele busca interpretá-la, conhecer suas leis para então modificá-la segundo seus desejos.

Surge a figura do novo douto. O sábio da modernidade é o especialista, aquele que sabe manipular os instrumentos tecnológicos de modo a convergir em si o conhecimento. Se a princípio os instrumentos tecnológicos eram extensões do homem, aos poucos foram ganhando autonomia e invertendo essa hierarquia. Os sentidos tornam-se enganosos e a tecnologia, mais confiável na apreensão da realidade. Desse modo, a construção das noções do real começam a passar cada vez mais pelo filtro dos artefatos tecnológicos.

Também a linguagem, outrora criadora, se submete aos imperativos técnicos, degenerando-se em um mero instrumento de comunicação. O ensaio “O Narrador” de Walter Benjamin explora essa degradação de uma linguagem rica em experiências humanas em mero instrumento. Isso se deveria principalmente a uma falência da própria capacidade de se intercambiar experiências.

Um dos sintomas desse processo de pauperização da experiência seria a Primeira Guerra Mundial e suas vítimas que retornavam sempre mudas da guerra. Para Benjamin, este evento trouxe experiências tão desumanizadoras, que eram impossíveis de serem comunicadas. Benjamin morreu em 1941 e não pôde estender suas reflexões para a contemporaneidade. Outros pensadores, no entanto, o fizeram, como Giorgio Agamben. Foi então constatado um processo progressivo de pauperização da experiência no cotidiano de uma sociedade plena de eventos desumanizadores, porém banalizados.

Isso nos remete ao conceito formulado por Guy Débord de “sociedade do espetáculo”, onde o indivíduo se encontra apartado do seu meio, e até mesmo de si próprio, vivendo em uma realidade fragmentada. De certo modo, neste tipo de sociedade, a apreensão e transmissão de conhecimento passam sempre pelo filtro dos instrumentos técnicos.

Estes instrumentos tendem a apagar as marcas do enunciador, e propõem enunciados pretensamente neutros, impessoais, e claro, absolutos. O discurso histórico, registro especialmente analisado nesse trabalho, não escapa a essa constatação. A historiografia oficial busca esterilizar os fatos do passado e trazê-los intactos para o presente, instituindo uma relação causal entre eles.

Para repensar tal conceito de história, volto a Benjamin. Para o autor, a história e a narração eram conceitos próximos, ambos impregnados pela temporalidade e pela coletividade. A assunção do olhar contemporâneo daria sentido para a história, já que o retorno ao passado se daria como um resgate, como a formação de uma constelação com o presente.

Alguns movimentos artísticos pós-modernos apresentam uma concepção similar de história. A americana Linda Hutcheon denominou esta relação de “presença do passado”, que se daria como um diálogo crítico, e não como um retorno nostálgico ou uma ruptura. Movimentos como esses no campo da literatura foram denominados por Hutcheon como “metaficções historiográficas”.

Parte da literatura de Saramago pode ser identificada segundo a classificação de Hutcheon. Muitas de suas obras se apropriam de elementos da historiografia oficial como uma forma de questionar não apenas o passado, mas também o presente. Saramago cria narrativas alternativas a uma narrativa-mestra imposta pela história oficial, como é o caso de romances como “Memorial do Convento”, “História do Cerco de Lisboa”, “Evangelho Segundo Jesus Cristo”, “O Ano da Morte de Ricardo Reis”.

É comum ver nos romances saramaguianos o discurso histórico e seus personagens serem parodiados, e ainda, é frequente a inversão do foco narrativo, e a crescente dissolução na trama daqueles que são protagonistas da história oficial. Esta inversão chega ao seu ponto máximo em “A Caverna”, quando o grande antagonista da trama ser o Centro Comercial, que funciona como um bloco simbólico representando a massa de pessoas que pensam e agem segundo as normas socialmente estabelecidas.

“A Caverna”, que conta a história de Cipriano Algor, um viúvo, que vive com a filha e com o genro em uma aldeia próxima à cidade. Cipriano herdou do seu pai a profissão de oleiro, e passou para a filha o mesmo ofício. Os tempos, no entanto são outros, e Cipriano Algor e sua filha Marta se encontram agora à margem de uma sociedade, na qual não são mais necessários. É por esse motivo que Marta e Cipriano são cúmplices, e buscam no desenrolar dos acontecimentos, resgatar um passado já perdido para o mundo, mas não para eles. Ambos estão profundamente vinculados ao barro, à olaria.

O caráter de resgate do passado está presente também no intertexto proposto por Saramago com “A República” de Platão. Em “A Caverna”, Saramago se apropria do mito da caverna para falar da sociedade de seu tempo, e não para perpetuar um possível sentido original dado por Platão. O livro denuncia ainda a passividade de uma sociedade espetacular, em que as pessoas vivem isoladas, sem potência e sem vontade, presas a suas próprias ilusões. Há também uma certa nostalgia do trabalho artesanal e de uma vida mais simples, com troca de experiências humanas. Por fim, Saramago faz, bem como o conceito de história de Benjamin, um apelo por maior de engajamento e responsabilidade na construção de nossa história e de nossa sociedade, e é também isso que esse trabalho se propõe a fazer.